

Valor Econômico, 23 de abril de 2021

## **Novos limites a grupos privados na China**

*Enquadramento de Jack Ma tem efeitos em cascata entre bilionários do ramo*

Por: Isabela Nogueira

Os tensionamentos dos últimos meses entre o gigante de tecnologia chinês Alibaba e o comando político do país reacenderam a pergunta sobre qual o espaço que os capitalistas privados têm e poderão ter no sistema econômico chinês. Ao contrário do que os observadores liberais esperavam, o Estado não tem se retirado nem do comando e nem da estrutura econômica na China.

Há mais de duas décadas a fatia das empresas estatais no PIB chinês permanece estável em torno de 25%, segundo a consultoria Gavekal. E o controle estatal sobre o setor financeiro chega a 90%. Isso sem falar do papel do Estado no planejamento, na condução do investimento, na regulação dos mercados e no controle de capitais na China.

Um dos objetivos das autoridades chinesas ao impor limites ao Ali Baba e às firmas digitais está em ter o controle sobre o volume massivo de dados que elas recolhem e utilizam, que incluem visões políticas e hábitos. Ele tem grande valor estratégico.

Ao mesmo tempo, inúmeros capitalistas privados floresceram com apoio direto deste mesmo Estado. Seja na forma de políticas industriais e de P&D, regulações que protegeram o mercado interno da concorrência, compras públicas com conteúdo local e privatização de empresas estatais, a maioria dos empreendedores de sucesso firmou uma relação profunda com o Partido Comunista, ganhando o apelido de “capitalistas vermelhos”. Além da Alibaba, também Tencent, Baidu, Xiaomi e Huawei são nomes famosos de uma longa lista de empresas privadas gigantescas, inovadoras e lucrativas que, segundo alguns analistas, viviam em harmonia com o poder político chinês.

Até que, nos últimos anos, empresas privadas encontraram novos limites aos seus negócios, como já foi o caso dos conglomerados Anbang (seguros), HNA (aviação) e Dalian Wanda (construção civil) - todos envolvidos em aquisições agressivas no exterior baseadas em mecanismos financeiros altamente alavancados. No capítulo atual, Alibaba, até então a maior empresa de tecnologia da China do até então homem mais rico do país, Jack Ma, está enfrentando uma sucessão de medidas para enquadrar seu enorme conglomerado (nos setores de comércio eletrônico, finanças, mídia e serviços de saúde) aos objetivos estratégicos do poder político.

Em primeiro lugar, as autoridades querem que o vibrante setor de fintechs na China seja regulado da mesma maneira que o setor bancário tradicional, coibindo um processo de financeirização da economia que muitos capitalistas chineses pareciam liderar, inclusive Jack Ma.

Em 12 de abril, reguladores determinaram que o Ant Group (subsidiária financeira do Alibaba) terá que se tornar uma holding supervisionada pelo Banco Central e seguirá as mesmas regras do setor bancário convencional, inclusive de requisitos mínimos de capital e de separação entre seus serviços de oferta de crédito, aplicativo de pagamentos e gestão de fortunas.

Ant é dono do aplicativo de pagamentos super popular Alipay, utilizado regularmente por cerca de 700 milhões de chineses segundo o grupo (ou metade da população). A maior vantagem do Ant Group estava em ter acesso às informações de pagamentos de milhões de usuários e conseguir, com base em um volume massivo de dados, oferecer crédito barato a quem eles avaliavam ser bons pagadores. Se por um lado essa base de dados tornava o Ant altamente lucrativo, por outro os usuários diziam que o Alipay era desenhado justamente para encorajar a tomada desenfreada de crédito.

O segundo objetivo das autoridades chinesas com os novos limites impostos ao Alibaba e às firmas digitais está em ter o controle sobre o volume massivo de dados que elas recolhem e utilizam. Editorial recente da The Economist acerta na mosca: da mesma forma que seus concorrentes Facebook e Google, as firmas digitais chinesas construíram as bases de dados mais avançadas e robustas do mundo, cruzando informações de

pagamentos, crédito, rede de amigos, histórico de viagens e compras com visões políticas e hábitos em geral.

Na era do “capitalismo de vigilância”, empresas privadas de todo mundo, governos de países ocidentais (notadamente os Estados Unidos) e a China utilizam essas bases enormemente e dão a elas grande valor estratégico - desde espionagem com fins geopolíticos e econômicos até controle social. No caso particular da China, o Banco Central já revelou que gostaria de centralizar as bases e avançar na consolidação de um sistema de credibilidade social em escala nacional. Tencent e Alibaba vinham resistindo em ceder suas vantagens da “era da informação”.

Por fim, o terceiro objetivo das autoridades é político: coibir as tentativas de capitalistas como Jack Ma de pressionar (sobretudo publicamente) por maior financeirização da economia chinesa. Ma só foi visto em público uma vez desde outubro do ano passado, quando criticou reguladores e bancos estatais por, segundo ele, sacrificarem a inovação em nome da estabilidade. Em seguida à crítica de Ma, a oferta pública inicial (IPO) de US\$ 37 bilhões prevista pelo Ant Group, que seria a maior do mundo, foi cancelada pelos reguladores chineses.

O enquadramento de Jack Ma está tendo efeitos em cascata entre outros bilionários do ramo. Em março deste ano, o fundador da Tencent, Pony Ma, clamou justamente por maior regulação do seu setor. Dias depois, o CEO da Ant, Simon Hu, pediu para deixar o posto, e Colin Huang, do Pinduoduo, surpreendeu ao anunciar que deixaria a presidência exatamente no momento que a empresa vinha ganhando fatias de mercado do Alibaba.

Apesar de tanta tensão, nada indica que essa relação complexa entre o poder econômico e o poder político na China esteja caminhando para um rompimento ou para a transformação do sistema econômico. Muito ao contrário. Quanto mais a disputa estratégia China-Estados Unidos avança, mais os capitalistas vermelhos sabem da essencialidade do poder político em um cenário global acirradamente competitivo.

Fonte original: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/novos-limites-a-grupos-privados-na-china.ghtml>